

A FORMAÇÃO LEITORA EM *PONTO DE FUGA*, DE ANA MARIA MACHADO

Marta Freitas Mendes¹
Aline Costa dos Santos²
Regina Kohlrausch³

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar criticamente as reflexões e proposições do livro *Ponto de fuga*, de Ana Maria Machado, no que diz respeito à formação leitora e ao papel da escola e do professor na promoção da leitura literária, a partir dos seguintes ensaios selecionados: “A ideologia da leitura”, “Leitura, livro e novas tecnologias”, “Entre vacas e gansos: Escola, leitura e literatura”, “Muito prazer: Notas para uma Erótica da narrativa”, “Do bom e do melhor. E muito” e “Em louvor da narrativa”. A escritora e tradutora brasileira Ana Maria Machado, nascida em 1941, é uma das maiores especialistas em literatura infantil no Brasil, sendo conhecida principalmente pela escrita de livros infantojuvenis (*Bisa Bia, Bisa Bel, Menina bonita do laço de fita, Tudo ao mesmo tempo agora* etc.). Sucesso de público e crítica, teve sua obra publicada em cerca de vinte países e venceu os prestigiados prêmios Machado de Assis, Jabuti e Hans Christian Andersen. Os ensaios de *Ponto de fuga* são originados da participação de Machado como palestrante em eventos nacionais e internacionais voltados à promoção da leitura, entre 1988 e 2011, formando um panorama das principais questões sobre as quais a autora têm se debruçado.

Palavras-chave: Formação leitora. Leitura literária. Ana Maria Machado.

The reader formation in *Ponto de Fuga*, by Ana Maria Machado

Abstract: This work aims to analyze the propositions of *Ponto de fuga*, book by Ana Maria Machado, regarding the reading formation and the role of the school and the teacher in the promotion of literary reading. For this purpose, the following essays were selected: "A ideologia da leitura", "Leitura, livro e novas tecnologias", "Entre vacas e gansos: Escola, leitura e literatura", "Muito prazer: Notas para uma Erótica da narrativa", "Do bom e do melhor. E muito" and "Em louvor da narrativa". Brazilian writer and translator Ana Maria Machado, born in 1941, is one of the greatest specialists in children's literature in Brazil. She is known mainly for the writing of children's books as *Bisa Bia, Bisa Bel, Menina bonita do laço de fita* and *Tudo ao mesmo tempo agora*. Machado published in more than twenty countries and won several awards, including Hans Christian Andersen Award. *Ponto de fuga* essays come from Machado's participation as a speaker at national and international events aimed at promoting reading, between 1988 and 2011, giving an overview of the main issues this writer has been addressing among the decades.

Keywords: Reader formation. Literary reading. Ana Maria Machado.

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. marta.mendes@acad.pucrs.br

² Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. aline.santos.001@acad.pucrs.br

³ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. regina.kohlrausch@pucrs.br

A escritora e tradutora brasileira Ana Maria Machado, nascida em 1941, é uma das maiores especialistas em literatura infantil no Brasil, sendo conhecida principalmente pela escrita de livros infanto-juvenis (*Bisa Bia, Bisa Bel, Menina bonita do laço de fita, tudo ao mesmo tempo agora*, dentre outros), muito embora se dedique também a outros gêneros literários e à tradução. Sucesso de público e crítica, teve sua obra publicada em cerca de vinte países e venceu os prestigiados prêmios Machado de Assis, Jabuti e Hans Christian Andersen. Os treze ensaios de *Ponto de fuga*, publicados em 2016, pela Companhia das Letras, são originados da participação de Machado como palestrante em eventos nacionais e internacionais voltados à promoção da leitura, no período de 1988 a 2011, formando um panorama das principais questões sobre as quais a autora têm se debruçado ao longo dos anos. Os textos abordam os mais variados temas, todos vinculados à literatura, indo desde discussões sobre o livro e as novas tecnologias até notas para uma erótica da narrativa.

Em “A ideologia da leitura”⁴, Machado adverte que nenhuma obra cultural, como é o caso da literatura, é livre de ideologia. Quando se trata de obras dirigidas às crianças, a ideologia tradicional reforça que aos adultos cabe decidir e, às crianças, obedecer. Para que isso não se perpetue, a autora traz três recursos para o que chama de procedimentos de defesa do leitor que, sem dúvida, são úteis para leitores de todas as idades, a saber: a) ler livros que tragam protótipos, isto é, possibilidades, e não estereótipos; b) desenvolver a capacidade crítica, ou seja, saber ler nas entrelinhas; c) ler muito e variadamente. Em resumo: “Ler o que tem valor artístico, ler criticamente e ler em quantidade.” (MACHADO, 2016, p. 17).

Para Machado, quando a escolha dos livros infantis é guiada pela qualidade estética das obras, é muito mais provável que sua mensagem seja libertária do que quando se segue o cânone que aponta livros tradicionalmente consagrados pelo mundo da didática e da pedagogia que, em geral, está mais preocupado com a transmissão de valores já estabelecidos. A saída é tentar oferecer às crianças livros que tenham mais a ver com arte do que com ensino, preferindo estimular as perguntas a impor respostas. Nesse sentido, a indicação é de textos que criem rupturas, como é o caso das paródias, brincando com o já conhecido e deformando-o, revelando outros sentidos.

4 Palestra proferida no Congresso da Associação de Literatura Infantil, em Montevideu, em setembro de 1996. (Nota retirada de *Ponto de fuga* - v. referências).

t Ana Maria Machado não desconsidera outro aspecto da ideologia da leitura, que define como a carga que o leitor traz ao ato de ler. A leitura mediada por adultos, por exemplo, pode trazer, conforme Machado, uma espécie de “ideologia clandestina”, que não estava nos livros. Obras subversivas podem ser lidas para as crianças como se fossem uma fábula moralista, enquanto livros conformistas e autoritários são colocados como exemplo de conduta.

A autora distingue duas atitudes de leitura: a leitura masculina e a leitura feminina. A atitude masculina é vista como uma tendência a se opor ao texto, oferecendo resistência, como se a escrita fosse uma agressão ao leitor, precisando ser combatida, ou ainda, como se o texto tentasse negar o poder e autoridade de quem lê. Já a atitude feminina, tenderia a receber o outro, “deixando-se fecundar pela diferença, alimentando-a com a própria carne e sangue, para que amadureça e cresça nas entranhas.” (MACHADO, 2016, p. 18-19).

Machado (2016) associa, assim, o regime de leitura feminino com abertura e generosidade, enquanto relaciona à leitura masculina hostilidade e desconfiança. Ainda que aponte que os modos de ver e sentir o mundo de homens e mulheres são diferentes, essa representação não escapa ao reforço do estereótipo que vincula o feminino às imagens de mãe e nutriz e, o masculino, às de dominador e explorador. A escritora pondera que há mulheres que leem com hostilidade, como se fossem homens, e há homens que leem com doçura, como se fossem mulheres, mas isso, ao lado da afirmação de que estes dois tipos de leitura podem conviver misturados e equilibrados, acaba por corroborar uma divisão que não dá conta da pluralidade das leituras de cada indivíduo, terminando por reduzi-las.

Para Machado (2016), é certo que um livro não é apenas o seu texto, mas também a leitura desse texto. Todo o livro e toda a leitura são ideológicos, confrontando as visões de mundo vinculadas pelo texto com as do leitor. Exemplo disso é a recepção do livro *Menina bonita do laço de fita*, da autora, em diferentes contextos: rechaçado na Dinamarca e nos Estados Unidos, foi aclamado pelos públicos da Venezuela, Colômbia, Argentina, Suécia e Brasil. Essa discrepância nas avaliações da mesma obra mostra a articulação do que Iser (1999) chama de polos artístico e estético da obra literária: o polo artístico é o texto criado pelo autor e o estético a concretização produzida pelo leitor. Mesmo que a obra seja, em potência, mais do que o texto, apenas na leitura, isto é, na concretização, ela se realiza. Tal concretização, embora parta do que foi escrito pelo autor, depende das atualizações de sentido realizadas pelo leitor,

que pode atribuir ao texto significados não previstos ou desejados por quem o escreveu, sem que isso constitua um erro de interpretação.

No ensaio “Entre vacas e gansos: Escola, leitura e literatura”⁵, Machado (2016) se vê às voltas com questões diretamente relacionadas à formação leitora na escola. Em uma palestra em Montevideu, a autora encontra professores ansiosos por resolver o seguinte problema: como fazer as crianças lerem mais? Todos pareciam procurar por técnicas e truques, sendo que eles mesmos, os professores, não liam. Em contrapartida, em uma cidade do interior do Mato Grosso, uma professora com formação pedagógica precária e condições de trabalho ainda mais tinha apenas dois livros em sua escola, porém, conseguiu constituir um acervo com histórias trazidas pelos alunos. Não há dúvidas, para Machado (2016), que os melhores leitores seriam os da professora, porque viam a leitura como algo prazeroso e natural, enquanto os alunos dos outros professores tentariam largar a leitura na primeira oportunidade, pois eram obrigados a ler para fixar o máximo de elementos possíveis para as provas.

Machado (2016) defende que o que leva a criança a ler é principalmente o exemplo: não é algo natural, é cultural. Se no ambiente familiar a criança não vê os adultos lerem, é pouco provável que se torne um leitor. A escola surge como uma segunda chance para a descoberta da literatura. Segundo a autora, nunca se fez tanto para que a leitura chegue à educação básica, contudo, os resultados não são suficientes – na adolescência, a maioria dos leitores prefere continuar no mesmo nível de complexidade das leituras anteriores, e, quando os textos oferecem desafios, abandonam os livros. Machado pensa que esse problema se deve ao fato de que os professores estão falhando em dar o exemplo e passar a paixão pelos livros e, por conta disso, não conseguem formar leitores.

A formação de professores parece não despertar o entusiasmo pela literatura, fazendo com que estes não estejam preparados para transmitir algo que não sentem. Ana Maria Machado (2016) não acredita que se possa ensinar a ler literatura, e sim se transmitir o amor pelos livros, como uma contaminação. Destituídos da paixão pela leitura, os mestres tratam os alunos ora como gansos, ora como vacas:

5 Palestra proferida no V Simpósio sobre Literatura infantil y lectura – Encuentro iberoamericano para una educación lectora, em Madri, em novembro de 1998. (Nota retirada de Ponto de fuga – v. referências).

Às vezes tratam os alunos como gansos: agarram-nos pelo pescoço, os imobilizam e enfiam quantidades de comida pela goela abaixo, tendo o cuidado de não alimentá-los realmente, porque não é isso o que interessa, já que cumprem apenas promover as gorduras especiais e preciosas, que valem no mercado. Em outros momentos, os tratam como vacas: sentam-se ao seu lado, os acariciam, tocam suas intimidades, mas apenas para ordenhá-los, extrair deles o que possa ser útil à produção do sistema e garantir mais lucro e permanência do negócio [...] (MACHADO, 2016, p. 67-68).

Essa estranha comparação mostra que a abordagem da literatura nas escolas muitas vezes é reduzida a simples extração dos conteúdos que se consideram indispensáveis para a interpretação dos textos, sendo que qualquer motivação ou estímulo à leitura é feito apenas como pretexto para avaliações posteriores. Convencidos de que a leitura é apenas obrigação escolar, e sem encontrar adultos leitores que desmintam essa impressão, não é de se espantar que os alunos não sintam curiosidade pela literatura (MACHADO, 2016).

Para mudar esse estado de coisas, Machado sugere aos professores algo simples, mas que considera eficaz: ler um trecho de um bom livro em voz alta, para estimular os alunos a prosseguirem na leitura. Basta que o professor seja leitor, porque “imaginar que quem não lê pode fazer ler é tão absurdo quanto pensar que alguém que não sabe nadar pode se converter em instrutor de natação.” (MACHADO, 2016, p. 70).

É fundamental investir na formação de professores-leitores, aos quais cabe decidir os livros que seus alunos leem no âmbito escolar, então, se colocam as perguntas: “Que critério pode ter um professor para [...] escolher livros? Que preparo recebe? Que estímulo lhe dão?” (MACHADO, 2016, p. 71). Machado é categórica:

Livro não é sinônimo de literatura, existe muito livro que é puro lixo. É um desperdício absoluto aprender a ler apenas para ler manuais de instruções e guias de autoajuda. [...] Prazer de ler não significa apenas achar uma história divertida ou seguir as peripécias de um enredo empolgante e fácil - além dos prazeres sensoriais que compartilhamos com outras espécies, existe um prazer puramente humano, o de pensar, decifrar, argumentar, raciocinar, contestar, enfim: unir e confrontar ideias diversas. E a literatura é uma das melhores maneiras de nos encaminhar a esse território de requintados prazeres (MACHADO, 2016, p. 71).

Robert Escarpit (1974), célebre sociólogo da leitura, já disse que não há nada mais transparente do que o conceito de literatura – a palavra possui uma variedade de cargas semânticas tão ricas e contraditórias que acaba sendo difícil defini-la com precisão. O que faz a boa literatura? O que faz com que um livro não se encaixe na literatura e possa ser considerado por alguns como “lixo”? Machado (2016) advoga por um conceito de literatura entendida como arte, criada não apenas para deleitar os sentidos, mas para fazer pensar.

Em “Do bom e do melhor. E muito” ⁶, Machado (2016) celebra o crescente número de iniciativas para a promoção da literatura nas escolas, mas adverte que o espaço da literatura ainda é pequeno em nossa cultura:

Se temos números muito altos de títulos novos publicados a cada ano, as tiragens médias são baixíssimas. O tempo de exposição de um livro nas prateleiras das livrarias é curtíssimo, logo ele tem que dar a vaga para outro, mais novo. As páginas dedicadas a livros na imprensa são ridiculamente inexpressivas se comparadas ao espaço disponível para a televisão, música, shows e cinema. Os índices de leitura per capita no país são mínimos se cotejados com os de nações letradas. É óbvio que falta uma política global e consistente para o livro, apesar da multiplicação de incontáveis experiências bem sucedidas de estímulo à leitura (MACHADO, 2016, p. 125).

O ensaio anterior foi publicado em 2001. Passados mais de quinze anos, a situação continua praticamente a mesma. No entanto, é preciso avançar e também se fazer outras perguntas, não mais relacionadas ao acesso, mas à qualidade do livro: “Que livro? Qualquer um? Dá no mesmo? Ou há alguns que talvez nem as árvores derrubadas para a fabricação do papel de que são feitos? Como saber? Como distinguir um do outro?” (MACHADO, 2016, p. 126).

Com o imenso volume de publicações, Machado infere que os novos consumidores de livros podem descobrir com facilidade sua vocação de leitores de literatura, posto que, familiarizados com letras de músicas e narrativas de novelas, estão mais próximos do contato com a poesia, o romance e o conto. Para ela, quem lê reportagens e obras esotéricas pode muito bem ler um ensaio.

⁶ Palestra apresentado no Seminário do Salão FNLIJ do Livro Infantil e Juvenil, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em 2001. (Nota retirada de Ponto de fuga – v. referências).

Entretanto, neste percurso o leitor pode ser atraído para best-sellers, obras que muitos especialistas consideram descartáveis.

t A partir disso, Machado (2016) discorre sobre a seleção dos livros para a formação do leitor. Para alguns, diz a autora, é preciso começar pela “baixa literatura” para alcançar a “alta literatura”, outros julgam que essa visão é elitista e que hierarquias são dispensáveis, há ainda os que pensam que existem alguns livros capazes de propiciar uma experiência de leitura mais complexa, mas nem sempre são aqueles que compõem o cânone.

Trazendo para a discussão Marisa Lajolo, Machado (2016) considera que não há verdades absolutas nessa área, e sim elementos norteadores que devem ser observados nas várias respostas possíveis para a pergunta “o que é literatura?”. O emprego inusitado da linguagem, a relação da obra com o seu contexto, o diálogo entre textos, as sugestões de que as coisas têm nome, mas os nomes não são as coisas, as relações entre uma obra e a experiência do escritor da sua realidade histórica e social são destacados. Ademais, a escritora pontua que, para pertencer ao campo da literatura, não basta que um texto seja escrito, devendo também ser publicado e lido, avaliado e validado pelo mercado editorial, pela crítica e pelos meios competentes.

O que não se pode negar é que há, conforme Machado (2016) relembra de uma observação de Chartier, que alguns livros são mais suscetíveis a interpretações múltiplas e duradouras por parte dos leitores, ou até mesmo por parte do mesmo leitor a cada releitura, ao passo que outros não têm a mesma perenidade. Esses livros tão ricos são chamados clássicos.

A solução seria indicar apenas a leitura dos clássicos e excluir tudo o que não fosse canônico? Ou, se os alunos preferem, objeta Machado (2016), ler Paulo Coelho em vez de Machado de Assis, o que fazer? Seguindo Lajolo, Machado considera que se pode ler ambas as coisas e esperar que elas dialoguem, formando uma rede em constante expansão, processo que a internet e as novas tecnologias facilitam. Apesar disso, Machado (2016) advoga pela leitura dos clássicos, por considerar que todo o cidadão tem direito ao legado de séculos da tradição literária, passando-o para as novas gerações. Desse modo, a autora não combate as leituras dos best-sellers, ou do livro descartável, já imensamente propagados pela mídia, mas salienta que não cabe à escola indicá-los. O papel do ensino continua ser “orientar as novas gerações para fazerem suas próprias descobertas nos bosques literários, apresentando-lhes um repertório variado de bons textos, de épocas diversas.” (MACHADO, 2016, p.

130). Por motivos óbvios, esse trabalho requer professores que sejam também grandes leitores.

No texto “Muito prazer: Notas para uma Erótica da narrativa”⁷, Machado (2016) volta à investigação dos motivos que levam uma criança a ler ou não. A autora corrobora sua visão anterior, dizendo que, assim como tudo mais em sociedade, o gosto pela literatura se desenvolve pelo exemplo e pela curiosidade. Se a criança for cercada de livros e de leitores, é pouco provável que não queira ler também. Ana Maria Machado (2016) lembra que não raro lhe dizem que, mesmo com todos os estímulos possíveis, há quem não se torne leitor, demonstrando que a leitura não é algo naturalmente atrativo. Machado (2016) se nega a acreditar que uma criança com pleno acesso a livros não goste de ler: pode rejeitar um certo tipo de livro ou desenvolver preferências que não as do adulto, mas isso não significa que despreza a leitura. Para exemplificar sua posição, a escritora faz a seguinte comparação:

[...] é como alguém dizer que não gosta de namorar só porque ainda não descobriu como pode ser bom, ou porque teve alguma experiência negativa com algum parceiro. Pois então, se esse é o caso, não generalize para todo e qualquer namoro: que procure outro, mais outro, vários, vai acabar se encaixando perfeitamente em algum, desenvolvendo o gosto pela própria procura, refinando o processo de aprender a gostar. (MACHADO, 2016, p. 135)

A autora segue aproximando o ato de ler e de escrever com a satisfação do desejo, sobretudo no campo da narrativa. Depois de um longo passeio pelo pensamento de Barthes, bem como de importantes psicanalistas, Machado (2016) acaba por concluir que contar histórias é um ato contratual: pede algo em troca do que oferece. Leitor e autor estariam, dessa forma, envolvidos em um jogo de sedução proporcionado pelo texto inteligente e não utilitário.

“Em louvor da narrativa”⁸ é um dos ensaios em que Machado (2016) aprofunda suas considerações sobre o lugar da leitura nas escolas, começando pelas seguintes constatações: i) a situação de imenso desprestígio do magistério, refletida nos baixos salários e nas péssimas condições de trabalho; ii) a

7 Palestra proferida em encontro com a Escola Lacaniana de Vitória, em julho de 2001. (Nota retirada de *Ponto de fuga* - v. referências).

8 Parte deste trabalho foi apresentada para os participantes do Encontro Sentidos da Educação, organizados pela UNESCO, em Santiago do Chile, em março de 2005, e serviu de base à palestra proferida na abertura do evento. Posteriormente, as referências ao que foi dito no encontro por Luc Ferri, um dos participantes do grupo, foram acrescentadas. (Nota retirada de *Ponto de fuga* - v. referências).

dedicação, a criatividade e a improvisação de que são capazes os professores, apesar dessa situação; iii) a falta de preparo da maioria dos docentes.

t

Como toda generalização, Machado (2016) admite brechas de êxito, contudo, pode-se supor que a “sociedade finge que forma professores, mas no fundo evita fazê-lo de propósito, porque não pretende realmente lhes dar oportunidades de crescer. Por um lado, afirma retoricamente que a educação é importante e, por outro, desprestigia os educadores aviltando seu trabalho.” (MACHADO, 2016, p. 191-192). Com essa argumentação, a autora se aproxima do célebre pensamento de Darcy Ribeiro que, em palestra de 1977, já avaliava que a crise da educação no Brasil não é uma crise, mas um projeto.

Esse diagnóstico faz Ana Maria Machado (2016) reforçar a importância fundamental da leitura na formação do professor, especialmente da leitura de narrativas, o que é um passo para que possam lutar por uma sociedade mais justa. Entretanto, os obstáculos vão além. Machado (2016) destaca que atualmente o livro concorre com outros meios – internet, televisão, cinema etc. – na transmissão de conhecimentos e de informações.

Em “Leitura, livro e novas tecnologias”⁹, Machado (2016) reflete sobre como as novas tecnologias afetarão a leitura. A autora é otimista, considera que o maior feito humano ainda é a linguagem e não acredita no fim do livro. E mesmo que isso ocorresse, o suporte não lhe interessa tanto, afinal, o próprio livro substituiu materiais anteriores:

[...] começemos pelo livro, um objeto bem recente na história da humanidade. Muito antes dele, houve papiros, tabletas de barro, inscrições em pedras ou cascas de árvores, rolos de couro cobertos de sinais feitos com sumo de frutas esmagadas ou com animais marinhos reduzidos à tinta. [...] Muito antes do livro, já havia a palavra (MACHADO, 2016, p. 26).

A partir disso, Machado (2016) lembra que muito antes de inventar a escrita e formas para fixá-la, a humanidade já havia descoberto que podia criar novos mundos através da palavra, fundando, desse modo, a literatura. Isso significa que a literatura e a leitura – aqui entendida como a arte de ouvir e

9 Palestra proferida em IX Congresso Internacional da Leitura em Bogotá, em abril de 1997. (Nota retirada de Ponto de fuga – v. referências).

guardar os textos pela memória – surgiu muito antes do livro. O que sobrevive é a linguagem, “com sua capacidade narrativa e condutora do pensamento. E sobrevive a leitura da literatura que essa linguagem cria.” (MACHADO, 2016, p. 28).

Recapitulando a história da leitura – da leitura em voz alta antes do século VII, passando pela leitura silenciosa e intensiva e indo até à leitura extensiva e individual, a partir de fins de século XVIII, com o surgimento do romance e a progressiva democratização do livro –, Machado (2016) reforça que o problema não é mais o acesso, mas a proliferação do livro, o que leva à perda do repertório comum, atrofiando a memória e modificando a leitura. A direção da leitura passa de vertical, em profundidade, à horizontal, abrangente e, muitas vezes, superficial. A vantagem é que o universo de leituras se expandiu, ganhando-se em perspectiva e aprendendo-se a relativizar valores e a tolerar as diferenças (MACHADO, 2016).

Navegar na internet, por exemplo, traz a possibilidade de uma pesquisa mais ampla e ágil, que dificilmente se equipara à tradicional pesquisa bibliográfica, mas Machado (2016) aponta as desvantagens: perdem-se os critérios de seleção e a confiabilidade das fontes. Outro aspecto que se perde é o ideal de sabedoria e, com isso, as experiências carecem de sentido. Imerso em uma quantidade enorme de dados, muito escapa ao leitor, levando à sensação de fragmentação do tempo e de perda da significação. O leitor contemporâneo sofre para compreender, no sentido etimológico da palavra: “*comprender é com-preender* (segurar junto, manter ligado) [...], para alguns estudiosos, a forma latina *legere* (ler) estava ligada ao grego arcaico *legein* (ligar, montar, dar uma forma significativa).” (MACHADO, 2016, p. 32).

A leitura, sobretudo da literatura, é, para Machado (2016), o antídoto para a falta de profundidade e de visão de longo alcance gerada pelas novas tecnologias. Ler permite – exige – ligar diferenças, estabelecendo relações e padrões entre os fatos e organizando o tempo fragmentado da contemporaneidade. A autora acredita que o homem sente a carência de sentido dos tempos modernos, buscando supri-la, por vezes, com a leitura. Isso nos levaria a um paradoxo: “Nunca se leu tanto quanto hoje. Mas nunca se deixou de ler tanto quanto hoje...” (MACHADO, 2016, p. 34).

Iniciativas para o fomento da leitura não faltam, e nunca se teve tanta consciência da importância de ler, nem tantos livros publicados ou tanta gente sendo capaz de ler, conforme Machado (2016). Não podemos ignorar alguns fatos sobre a leitura hoje:

O primeiro é que centenas de milhões de seres humanos estão agora, pela primeira vez, entrando no mundo da leitura e da escrita. O segundo é que, ao contrário da televisão e do vídeo (tecnologias visuais ao alcance de qualquer analfabeto, extensão da velha cultura oral), agora com os computadores e meios interativos há uma reabilitação da importância da palavra escrita (MACHADO, 2016, p. 34).

As novas tecnologias exigem capacidade de leitura, então, podemos dizer que mais pessoas, estão lendo mais, mas lendo menos literatura (MACHADO, 2016). Se é certo que a cultura eletrônica trouxe o afastamento da literatura, também é certo que se lê cada vez menos as obras consideradas tradicionalmente como literatura, o que Machado (2016) supõe que se explique porque elas foram substituídas por outras consideradas mais fáceis e próximas do leitor, pelo poder da penetração da cultura de massa e porque os meios acadêmicos escolheram se isolar e não participar dessas discussões. De qualquer forma, Machado (2016) se compadece das dificuldades de leitura de livros de literatura por parte do leitor contemporâneo, seja porque este não leu na infância, seja pela complexidade do vocabulário e da estrutura dos livros não contemporâneos, cujos sistemas de valores ele não compreende, seja pela falta de concentração exigida por uma leitura densa.

Ler literatura não é tarefa simples, exige tempo, dedicação, curiosidade e empenho do leitor. As novas tecnologias, por sua vez, predispõem os jovens a passar seu tempo livre assistindo a séries de televisão e a filmes, jogando, ouvindo música etc. Apesar de todos esses obstáculos, Machado (2016) acredita no poder da literatura, esperando que sempre haverá um leitor irresistivelmente atraído pelos livros, com sua companhia e refúgio:

Não posso acreditar que esse leitor vá desaparecer, pois seu desaparecimento, mais que um apocalipse, seria, como definiu Barthes, uma volta à barbárie. Gostaria, apenas, que muitas pessoas mais pudessem se juntar ao número desses leitores, para que, generosamente, pudéssemos compartilhar com mais gente nossas dúvidas e perplexidades sobre o sentido da aventura humana (MACHADO, 2016, p. 43).

Devemos ter em mente que os ensaios reunidos em *Ponto de fuga* se deram a partir de reelaborações de textos destinados inicialmente às palestras de Ana Maria Machado sobre leitura. As comparações por vezes reducionistas e estereotipadas às quais a autora acaba recorrendo para explicar a dinâmica da

leitura, ao lado da afirmação de que existe uma atitude de leitura feminina e outra masculina, talvez se abrandem se pensarmos que o conteúdo principal dos textos foi pensado há mais de quinze, quando o cenário de ideias era outro, sobretudo em relação à contestação de certos lugares-comuns aceitos sem crítica pelo público.

As reflexões de Machado (2016) sobre leitura e novas tecnologias surpreendem pela agudez, posto que foram formuladas em um momento em que ainda não tínhamos noção de como e de quão rapidamente a internet e os *mass media* cresceriam e influenciariam a sociedade, sobretudo os jovens, transformando o modo como percebemos e lemos a literatura e o mundo ao nosso redor.

Consideramos que Ana Maria Machado traz reflexões brilhantes em praticamente todos os ensaios de *Ponto de fuga* (sendo os selecionados aqui os que mais chamaram a nossa atenção de acordo com o tema que nos propusemos a discutir), com uma comovente esperança no livro e na literatura. Enquanto escritora, tradutora e estudiosa da literatura, é evidente que Machado sabe muito bem do que a leitura literária é capaz. Em que pese isso, nos perguntamos: bastaria ver pessoas lendo e ter livros à disposição para se tornar leitor? Não seria necessário mais do que uma leitura em voz alta feita por um leitor apaixonado para comunicar o encanto pela literatura? Superamos realmente o problema do acesso ao livro? Talvez essas respostas possam ser dadas pelos professores que, estimulados com a leitura de *Ponto de fuga*, procurem ler sempre mais, repensando suas práticas de sala de aula em relação à leitura e lutando para formar leitores, apesar das crescentes dificuldades do cenário brasileiro.

REFERÊNCIAS

ESCARPIT, Roger et all. *Hacia una sociología del echo literário*. Madrid: Edicusa, 1974.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura* - v. 1. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACHADO, Ana Maria. *Ponto de fuga: conversas sobre livros*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2016.

RIBEIRO, Darcy. *Sobre o óbvio* – palestra proferida em 1977, em congresso da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Recebido em 24/10/2018

Aprovado em 06/02/2019



t